

É comum pensarmos que é difícil ser-se feliz e existem boas razões para assim pensar; mas seria mais fácil sermos felizes se, nos homens, as reflexões e a pauta de comportamento precedessem as acções. Somos arrastados pelas circunstâncias e entregamo-nos às esperanças, que nos proporcionam apenas metade do que esperamos: enfim, só nos damos claramente conta dos meios para sermos felizes quando a idade e os entraves que a nós próprios pusemos lhes colocam obstáculos.

Evitemos estas reflexões surgidas demasiado tarde: os que lerem estas páginas encontrarão aqui o que a idade e as circunstâncias das suas vidas lhes dariam com lentidão excessiva. Impeçamo-los de perder uma parte do tempo precioso e curto de que dispomos para sentir e para pensar e de [passar] a calafetar o seu navio o tempo que [*devem empregar a proporcionar-se os prazeres que*] podem gozar durante a navegação.

Para sermos felizes, é preciso termo-nos desembaraçado dos preconceitos, sermos virtuosos, gozarmos de boa saúde, termos gostos e paixões, sermos susceptíveis de ter ilusões, pois devemos a maior parte dos nossos prazeres à ilusão, e infeliz daquele que a perder. Longe, pois, de procurarmos fazê-la desaparecer sob o archote da razão, tratemos de passar mais uma camada do verniz que ela lança sobre a maior parte dos objectos; este é-lhes ainda mais necessário do que os cuidados e os adornos o são para os nossos corpos.

É preciso começarmos por dizer a nós próprios e por convencer-nos de que não temos nada mais a fazer neste mundo, para além de nele procurarmos sensações e sentimentos agradáveis. Os moralistas que dizem aos homens «reprimi as vossas paixões e dominai os vossos desejos se desejais ser felizes» não conhecem o caminho para a felicidade. Só somos felizes mediante gostos e paixões satisfatórias; [*digo gostos*] porque não somos sempre felizes o bastante por termos paixões e porque, à falta das paixões, não resta senão contentarmo-nos com os gostos. Seriam, pois, as paixões o que deveríamos pedir a Deus, se ousássemos pedir-lhe alguma coisa; e Le Nôtre* tinha toda a razão em pedir ao Papa tentações, em vez de indulgências.

* André Le Nôtre (1613-1700), arquitecto francês, paisagista e criador de jardins, foi responsável pela concepção do chamado «jardim à francesa», que se caracterizava por obedecer a um esquema geométrico, com recurso a jogos de água, estátuas e perspectivas amplas. (N. T.)

Mas, dir-me-eis, as paixões não farão mais infelizes do que felizes? Não disponho da balança necessária para pesar em geral o bem e o mal que elas fizeram aos homens; mas há que notar que os infelizes são conhecidos por precisarem dos outros, por gostarem de contar as suas desgraças, por procurarem aí remédio e alívio. As pessoas felizes nada procuram e não correm a avisar os outros da sua felicidade; os infelizes são interessantes, as pessoas felizes são desconhecidas.

Eis a razão pela qual, quando dois amantes se acomodam, quando o seu ciúme acaba, quando os obstáculos que os separavam são ultrapassados, já não servem para o teatro; para os espectadores a peça terminou, e a cena de Renaud e Armide* não seria tão interessante como é se o espectador não esperasse que o amor de Renaud fosse o efeito de um encantamento que deve dissipar-se, e que a paixão que Armide demonstra nesta cena tornasse a sua infelicidade mais interessante. São as mesmas causas que agem sobre a nossa alma para a comover nas representações teatrais e nos acontecimentos da vida. Conhecemos, pois, bem mais o amor pelas infelicidades que ele causa do que pela felicidade, muitas vezes obscura, que lança sobre a vida dos homens. Mas suponhamos, por um momento, que as paixões tornem

* Pensamos que a autora se refere às personagens principais da ópera *Armide*, do compositor francês Jean-Baptiste Lully e levada à cena pela primeira vez em 1686, com *libretto* do poeta Philippe Quinault. *Armide* baseia-se numa parte do popular poema épico *Gerusalemme liberata*, do poeta italiano Torquato Tasso, que relata a história da conquista de Jerusalém pelos cristãos durante a Primeira Cruzada (1096-1099). (N. T.)

mais pessoas infelizes do que felizes; eu digo que elas seriam, ainda assim, desejáveis, pois é essa a condição sem a qual não podemos ter grandes prazeres; ora, só vale a pena viver para termos sensações e sentimentos agradáveis; e seremos tanto mais felizes quanto mais intensos forem os sentimentos agradáveis. É, pois, desejável sermos susceptíveis de sentir paixões e repito-o ainda: não está ao alcance de qualquer um.

Cabe-nos a nós servirmo-nos delas para a nossa felicidade, e isso depende muitas vezes de nós. Quem quer que tenha sabido economizar tão bem a sua condição e as circunstâncias em que a fortuna o colocou, a ponto de ter conseguido colocar o seu espírito e o seu coração numa disposição tranquila, que seja susceptível de experimentar todos os sentimentos, todas as sensações agradáveis que este estado pode comportar, é seguramente um excelente filósofo e deve, na verdade, agradecer à natureza.

Digo a sua condição e as circunstâncias em que a fortuna o colocou, porque creio que uma das coisas que mais contribuem para a felicidade consiste em contentarmo-nos com a nossa condição e em procurarmos mais torná-la feliz do que modificá-la.

O meu intuito não é escrever para todo o tipo de condições e para todo o tipo de pessoas; nem todas as condições são susceptíveis da mesma espécie de felicidade. Escrevo apenas para aqueles a quem chamamos as pessoas do mundo, ou seja, para aqueles que nasceram já dotados de uma fortuna, mais ou menos brilhante, mais ou menos opulenta, mas, enfim, que lhes

permita permanecer na sua condição sem que isso os faça corar de vergonha, e talvez esses não sejam os mais fáceis de fazer felizes.

Mas, para termos paixões, para podermos satisfazê-las, há sem dúvida que gozar de boa saúde; é este o bem primeiro; ora, este bem não é assim tão independente de nós quanto pensamos. Como todos nascemos sãos (digo em geral) e feitos para durar um certo tempo, é certo que, se não destruíssemos o nosso temperamento com a gula, com as noitadas, enfim, com os excessos, viveríamos todos mais ou menos o que se chama a idade do homem. Faço excepção das mortes violentas que não podem prever-se e das quais, por conseguinte, é inútil ocuparmo-nos.

Mas, responder-me-eis, se a vossa paixão for a gula, sereis então muito infelizes; pois, se quiserdes gozar de boa saúde, tereis de reprimir-vos perpetuamente. A isso respondo que, sendo a felicidade o vosso fim, ao satisfazerdes as vossas paixões, nada deverá afastar-vos desse intuito; e se a dor de estômago ou a gota que os excessos que cometeis à mesa vos causarem padecimentos mais intensos do que o prazer que tendes satisfazendo a vossa gula, calculais mal, se preferis o prazer de um à privação do outro: afastais-vos do vosso fim, e sois infelizes por vossa culpa. Não vos queixeis de serdes gulosos, pois esta paixão é uma fonte de contínuos prazeres; mas sabeis servir-vos dela para a vossa felicidade: isso ser-vos-á fácil ao ficardes em casa, e ao fazer-vos servir apenas o que queirais comer: fazei períodos de dieta; se esperardes que o vosso estômago